

A Desconfiança nas instituições democráticas

Homero de Oliveira Costa

Num estudo publicado na revista Opinião Pública (CESOP, Campinas, Vol.XX, n.1, 2005) com o título acima, José Álvaro Moisés, (Universidade de São Paulo) baseado num ampla pesquisa mostra como “ao mesmo tempo em que apóiam o regime democrático *per se*, os brasileiros revelam uma ampla e contínua desconfiança em suas instituições” e propõe que “a confiança nas instituições radica-se na avaliação que os cidadãos, partindo de sua experiência, fazem do modo como aquelas desempenham a missão para a qual foram criadas”.

No entanto, embora constate a desconfiança nas instituições públicas, a pesquisa também revela que há um apoio a democracia, ou seja, há uma separação entre a avaliação dos governantes da avaliação da democracia como tipo de regime e essa avaliação se insere no quadro de uma sociedade no qual a escolha dos representantes está vinculada à pessoa do candidato, sua confiança nele, ou seja, o que importa na escolha são as pessoas e não os partidos e/ou programas de governo.

Na mesma revista foi publicado também o artigo “Desconfiança política na América Latina” de Timothy Power e Giselle D. Jamison no qual “examina o contexto, as causas e as conseqüências da desconfiança nos políticos no atual período democrático da América Latina”. Para os autores, o resultado, baseado em pesquisas, é que a confiança nos políticos na América Latina é muito baixa e é um dos aspectos de uma síndrome de baixa confiança generalizada.

Revela ainda que na atual fase democrática detectaram que os latino-americanos exprimem níveis baixos de confiança em quase todos os tipos de instituições sociais, políticas e econômicas (apenas a Igreja Católica goza do que considera uma classificação alta)

Os dados analisados pelos autores são amplamente confirmados com os estudos do Latinobarómetro. Pelos dados disponíveis do último survey, uma cultura de desconfiança permeia a América Latina. Há um crescente ceticismo em relação aos políticos e pouco apoio às instituições representativas como os partidos e o Congresso Nacional. E mais: vem caindo sistematicamente desde 1997: de um percentual de 28% de confiança nos partidos, esse índice caiu para 11% em 2003, e de 36% para 17% em relação ao Congresso.

Os dados revelam que o Brasil ocupa o último lugar entre os países latino-americanos em termos de confiança nos políticos, nos partidos e na democracia. Apenas 37%, segundo a pesquisa, concordam com a frase “a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo”.

O latinobarómetro, sediado no Chile, realiza pesquisas na América Latina, anualmente, desde 1995. Em 2000, no Brasil, os que preferiam a democracia a qualquer outro modelo foi de 39% e em 2001 caiu para 30%. Embora baixo, os dados de 2003 revelam pelo menos uma recuperação em relação a 2001.

No entanto, os dados são preocupantes e certamente se uma pesquisa com as mesmas dimensões fosse realizada hoje, com os escândalos de corrupção que atingem o governo Lula e o uso instrumental das instituições políticas e a desmoralização do Congresso Nacional (pelo menos a parcela dos envolvidos) mesmo que as informações cheguem ao grande pública de forma fragmentada, creio que teríamos ampliado o ceticismo e a descrença nas instituições políticas.

A meu juízo, o que temos assistido - e que vai além dos escândalos recentes - é uma crise global do sistema de representação e do declínio da importância dos partidos políticos como instância e mecanismo eficiente de mediação política.

E mais : em tempos de economia globalizada, especialmente nos países capitalistas periféricos, há um processo de desintegração dos espaços clássicos de intermediação política, que afeta não só os partidos, como os sindicatos e os movimentos sociais.

A crise portanto, atinge os partidos e atores políticos, mas também, expressam o alijamento dos cidadãos dos assuntos público, que pode leva a apatia e a descrença.

E, em relação especificamente a crise política que estamos vivendo, o preocupante é o perigo da generalização (como se todos os partidos e políticos fossem iguais e não são) e segundo, o fato de que isso pode levar a sentimentos pró autoritários e ser explorado por demagogos e populistas, “salvadores da pátria”, como ocorreu em passado recente, com os resultados conhecidos.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br